

APRESENTAÇÃO

O campo dos estudos literários na atualidade se caracteriza pela multiplicidade de abordagens teórico-críticas sobre esta experiência estética com a linguagem a que chamamos de *literatura*. Se considerarmos a articulação entre ensino, pesquisa e extensão que organiza a vida universitária, vemos que os programas de pós-graduação têm papel fundamental no desenvolvimento da ciência brasileira. “Pesquisa apesar de...”, e muitos complementos poderiam ser encaixados aqui para indicar os desafios que, principalmente, o corpo discente das universidades brasileiras enfrenta durante a sua trajetória formativa.

Pela ocasião de um seminário organizado na Fundação Calouste Gulbenkian sobre a situação das humanidades no contexto contemporâneo, ao ser perguntado “o que é para nós fazer pesquisa?”, Alcir Pécora, crítico literário e professor da UNICAMP, assim responde:

Não acho que esteja simplificando muito se disser que se trata de ler vários livros em torno de certo assunto, entregando-se a seus diferentes vocabulários, às suas redes semânticas, algumas mais previsíveis, outras imprevistas, deixando-se mesmo conduzir por elas; e então, conhecer algumas das circunstâncias referidas nos livros, conversar com diferentes pessoas que as conheceram, sob diversos pontos de vista, e então ler mais livros que podem ou não falar delas, até que sobrevenha uma ideia suficientemente densa e, de preferência, original, capaz de reorganizar o conjunto. [...] o que parece mais atraente num estudo de Humanidades é menos antecipar o futuro e resolver problemas, mas quase o contrário: perder tempo com o assunto sobre o qual almejamos uma espécie de autoria.¹

A resposta diz muito sobre o périplo de jovens pesquisadores e estudantes de pós-graduação, diante do desafio de construir “uma espécie de autoria”. Conversas. Orientações. Leituras, ora pertinentes, ora não. O entregar-se à linguagem das teorias e dos objetos que elegemos para nos acompanhar durante alguns anos de estudo.

Com a publicação do v. 30, n. 1, da Revista Em Tese, esperamos apresentar à comunidade leitora, além de uma fração do que tem sido feito nos programas de

¹ Pécora, 2015 apud Baptista, A. B. Prática teórica. In: Silvestre, O. M.; Patrício, R. (org.). Conferências [...]. Minho: UMinho, 2017. p. 67.

pós-graduação em Letras, o que discutem diferentes pesquisadores e pesquisadoras sobre as literaturas brasileira e estrangeira.

Na seção **TEORIA, CRÍTICA LITERÁRIA, OUTRAS ARTES E MÍDIAS** (TECLAM), Francisco Renato de Souza (Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAPERJ) analisa, em *Os entrecruzamentos do testemunho com a ficção: Jorge Semprun no caminho de Marcel Proust*, a presença da obra de Proust no romance *A grande viagem*, considerando o tensionamento promovido por Semprun entre a ficção romanesca e o relato testemunhal de *A escrita ou a vida*. Mateus Araujo Braz (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) e Jaqueline Bohn Donada (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) analisam, em *O universo em oito quadros: ‘Pax americana’ e a astrologia*, a construção gráfica e textual da HQ *The Multiversity: Pax Americana #1* (DC Comics, 2014), inspirada em *Watchmen* de Alan Moore e Dave Gibbons.

Na sequência, dois estudos constituem a seção **EM TESE**. *Mulheres escritoras no Brasil e na Bahia do século XIX*, de Lara Faria Jansen França (Universidade Federal do Pará), trata do contexto histórico e sociocultural de produção feminina na Bahia, em comparação com a de escritoras em outras regiões, a partir da metodologia qualitativa-bibliográfica. *Registering the Self: The Identity of Women Artists in How to Be Both and A Line Made by Walking*, de Joicy Silva Ferreira (Universidade Federal de Minas Gerais), também se dedica à autoria de mulheres, com um recorte contemporâneo, e discute a construção da identidade de mulheres artistas nos romances *How to Be Both*, de Ali Smith, e *A Line Made by Walking*, de Sara Baume.

Duas **RESENHAS** amostram a produção editorial recente. Gustavo Clevelares (Universidade Federal Fluminense/CEFET-RJ) apresenta, em *Como dar nome à dor? Uma leitura de Triste não é ao certo a palavra*, de Gabriel Abreu, o modo pelo qual a autoficção, os fragmentos documentais e os procedimentos de arquivamento produzem a memória, o luto e as imagens do processo de criação nesse romance de estreia de Abreu (Companhia das Letras, 2023). Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (Instituto Federal da Paraíba), em *Entre a dor e a esperança: humanização e luta em A vida verdadeira de Domingos Xavier*, destaca a reedição do romance de José Luandino Vieira (Editora Kapulana, 2024). A narrativa ficcionaliza e, deste modo, produz sentidos sobre a história e a memória social do colonialismo português em Angola.

A diversidade temática das publicações evidencia aspectos representativos da literatura contemporânea. O abalo das fronteiras discursivas entre ficção, história e autobiografia, obra e arquivo da obra, autor e personagem torna obsoleta qualquer tentativa de classificação entre aspectos exclusivamente “literários” e

“não literários” atualmente. Os estudos aqui publicados também ressaltam como a construção da autoria na história da cultura escrita foi/é influenciada por aspectos sociais e identitários, bem como sinalizam a produtiva apropriação de outras artes e mídias, como as fotografias, os documentos de arquivo e as HQs, pela ficção contemporânea.

Desejamos a vocês boas leituras!

Comissão Editorial

Bruna Stéphane Oliveira Mendes da Silva; Cíntia Maciel; Floriane Abreu da Silva; Henrique Júlio Vieira;
Laura Ribeiro Araújo; Lorena do Rosário Silva; Vinícius Cassiano Campos Abreu.

